

AMILCAR BETTEGA

# Deixe o quarto como está

ou Estudos para a composição do cansaço

*Contos*



# Autorretrato

O centro, o início de tudo, é esta casa grande e um tanto sinistra, as janelas sempre fechadas, muitas árvores altas ao redor (talvez paineiras, com certeza um salso-chorão). As paredes sujas, entre cinza e marrom. Não dá para dizer que é, ou foi, uma casa rica. Uma casa grande, apenas. O que mais? Claro, a perspectiva, a vista sempre de cima. A fachada (o pouco que aparece dela, em função do ângulo) e o telhado (também muito sujo, musgo nas telhas) meio que misturados num difícil e nada explícito primeiro plano. Depois, a entrevisão dos fundos da casa, já não sendo possível distinguir-se entre o que ainda é a casa e o que já são as árvores do pátio e as suas sombras. E um detalhe inútil: uma parreira de folhas estorricadas, como extensão do que talvez fosse a cozinha. É mais ou menos isso.

A gorda vem só depois, vem da casa, como uma parte que se desgrudasse do resto. É bem mais do que isso, talvez seja mais do que a própria casa, e até pode ser tudo (é bem provável que seja tudo), mas vem da casa, entendem? A casa é o início, a gorda a sequência.

É uma gorda imensa, de braços muito brancos e que parecem ter, na altura da axila, o diâmetro de uma melancia. As coxas devem ser horripelantemente maiores e mais feias (repletas de varizes, daria até para apostar), mas estão cobertas por um vestido que vai até o meio das canelas. Um vestido indecente. Ainda que desça quase até os pés, o vestido é indecente, talvez porque deixe à mostra aqueles braços asquerosos. Está deitada. Ou antes, esparramada sobre uma cama de armar. Ela, a gorda, está no jardim, alguns metros à frente da casa.

A figura do homem é mais difícil de entender. Fica misturado à sombra de uma árvore, como quem vigia alguma coisa à distância. Somente com esforço é que será possível distingui-lo da parede escura ao fundo e da sombra da árvore. É preciso forçar a vista ou mesmo usar a imaginação. Aí ele surge, decidido e austero. Cego? Num sentido figurado, sim. Prontidão, é essa a palavra. Aquele homem está ali de prontidão, como um cão selvagem preso a uma correia. Calça botas, e parece orgulhoso delas. Decididamente, está a serviço da gorda. É inferior a ela, não resta dúvida, a sua cegueira mostra isso. A impressão é de que está à espera de uma ordem da gorda, e que até anseia por isso. Cego, completamente cego, e sinto que não consigo dizer mais nada sobre ele.

Este é o centro, agora mais completo: a vista de cima, a casa (sombria) com seu telhado sujo e paredes idem; depois a gorda no jardim (a grama é de um verde muito musgo e irreal), escarrapachada na cama, e o homem à sombra da árvore como um cão vigia. Ainda como parte do conjunto (todo ele demasiado escuro, num tom de verde puxando para o preto), vai aparecer o muro. Difícil precisar a altura, por causa da perspectiva aérea, mas grosso e cinza, fechando um terreno bastante extenso que se perde na zona escura do fundo.

Só então os meninos. E isso já é do lado de fora. São dois e estão na calçada, rentes ao muro, no trecho frontal deste mas próximos à esquina. Estão separados por alguns metros, e um deles parece estar de cócoras. Idade? Talvez dez anos, ou menos. Mulatinhos e esmirrados, uns pivetinhos. É isso.

O primeiro movimento é o dos garotos. E os dois quase ao mesmo tempo, como se despertados por um sopro, uma espécie de “já”, “ação”, ou qualquer coisa do tipo. No lado de dentro do muro tudo continua estático, a não ser uma brisa preguiçosa que começa a mexer, muito lentamente, as folhas das árvores. Mas a gorda e o

homem permanecem exatamente na mesma posição. São duas - pedras. Com peso de pedra, com frio de pedra, a espalhar um olhar mineral sobre tudo.

Os meninos se aproximam um do outro, conversam alguma coisa (todo o som é deduzido, óbvio). Caminham e param repetidas vezes, sempre rentes ao muro. Volta e meia um deles gesticula, apontando o topo do muro.

Lá dentro, apenas as folhas das árvores mexendo-se quase imperceptivelmente.

É fácil perceber o que os safadinhos tramam. Antes mesmo de um deles fazer escadinha para o outro, já dá para entender o que eles querem. O que subiu agora puxa o outro pelo braço, e logo os dois estão sobre o muro, olhando lá para dentro. Têm movimentos de gato, é quase desnecessário dizer, são silenciosos e ágeis, e deslizam sobre o topo do muro como uma corrente elétrica percorrendo um fio de cobre.

Lá dentro, a gorda sob o sol e o homem à sombra são apenas duas estátuas.

Os garotos estão excitados, é visível isso, seus movimentos são rápidos e em tempos: avançam, param, estudam, avançam... Na verdade, mais parece um avanço muito vagaroso e gradual, só que visto como num filme em rotação acelerada. Avançam, param, avançam... Até que descobrem o lugar ideal para descer, onde o galho de uma árvore ultrapassa o muro por cima. Um lugar de sombras, claro, onde eles ficam ainda mais sorrateiros.

Lá dentro — pasmem —, tudo ainda impassível. E o sopro sereno e contínuo do vento parece contribuir para a imobilidade do conjunto. Só as folhas mal e mal se movem. Com um pouco de imaginação se escutaria o som da aragem cruzando entre as folhas das árvores.



Não é possível precisar o local e o momento em que os pilantrinhas descem. Eles se misturam às sombras e só se mostram outra vez já dentro do pátio. Seguem seu avanço segmentado, nesse movimento que têm os ratos e as baratas, buscando o escuro, os anteparos. Esquivam-se, ariscos e sinuosos, atrás dos troncos das árvores. A cena é muda, claro, mas mesmo se houvesse som seria difícil ouvir. Apenas sussurram. Às vezes nem isso, entendendo-se por gestos e olhares. E já conseguiram avançar um bom trecho em direção à casa.

O que é angustiante, o que chega a ser inadmissível, é a imobilidade de que tudo na casa está tomado. Os safados cada vez mais perto de uma das janelas, que deve ser a da sala, e tudo continua imóvel. A gorda e seu cão vigia na penumbra são ainda duas figuras petrificadas. É de assustar, a facilidade que os garotos têm. Agora eles espiam pelas janelas. Correm, agachados, até outra janela. Forçam-na. Tentam outra. E mais outra, e assim vão procurando a melhor maneira de entrar, alguma folha mal fechada ou mesmo uma dobradiça com o pino fácil de soltar.

E a gorda escarrapachada! E seu dobermann de duas patas misturado à sombra da árvore! Os fedelhos já conseguiram abrir a janela! Não é possível que ninguém faça nada, que aquele imbecil continue como uma múmia à sombra da árvore.

Será que ninguém percebe o que está acontecendo?

Lá está o primeiro pivetinho já dependurado no parapeito da janela, as perninhas finas balançando para dar o último impulso. E aqueles dois... Fica até difícil continuar.

A esperança é a gorda. Se alguma coisa acontecer, virá da gorda. Sim, a gorda, finalmente! Finalmente ela lança um olhar na direção do homem. Ela lançou seu olhar. Foi rapidíssimo, menos de décimos de segundo, e já voltou à sua passividade de estátua. Mas não importa, foi apenas o suficiente para deflagrar toda a ferocidade contida no

# Exílio

“Vou fechar a loja e ir embora da cidade.” Quantas vezes esse pensamento já havia me rondado! Não que eu não gostasse da cidade, mas a loja ali não se sustentava. Chega a ser estranho eu dizer isso, porque nunca estive com a loja em outro lugar. E olha que já não sou nenhuma criança! Ou seja, bem ou mal, até hoje a loja se manteve aberta, embora só eu saiba a que custo.

Nunca houve uma grande frequência à loja, o que eu encaro como uma coisa normal. As pessoas podem muito bem viver a normalidade de suas vidas sem precisar vir à loja. Até é bem possível que hoje essa frequência seja a mesma de quando a abri, e no fundo seja eu que, tentando achar desculpas para fechá-la, venha a falar dessa questão agora. Mas ninguém pode negar que uma loja precisa de fregueses. Não só para adquirir seus produtos, mas também, e principalmente, para arejá-la. Uma loja como a minha, assim tão voltada para dentro, acaba criando dentro de si uma atmosfera perigosa. Claro que o calor que faz nesta cidade também ajuda a aumentar a sensação de sufocamento. Deixa a gente meio atado. Às vezes me parece que o ar de dentro da loja vem endurecendo, tornando-se uma espécie de gel que vai tomando conta do interior da loja, o que evidentemente dificulta os movimentos aqui dentro. Toda manhã, quando abro a loja, me ponho atrás do balcão à espera dos fregueses. Por volta do meio-dia, quando vou até a porta para esticar as pernas, já sinto o ar gelatinoso me complicando os passos. É evidente que o calor tem alguma culpa nisso, só pode. E uma das coisas de que não abrirei mão quando me mudar é que a nova cidade não seja tão

renda. Eu lhe havia dito que não precisaria mais me trazer o almoço e tive de explicar as razões. Só pode ser por causa disso que, de repente, algumas pessoas começaram a vir até aqui, depois de tanto tempo. Algumas chegam silenciosas, com ar extremamente respeitoso, e olham muito para as prateleiras. Disfarçadamente, também olham para mim, atrás do balcão. Parecem muito admiradas, mas quando tento me aproximar elas vão embora, sabe-se lá pensando o quê. Outras têm certo ar de fastio, um ar até um pouco blasé, e são rápidas na visita, deixando-me a impressão de que são clientes incapazes de surpreenderem-se. Já viram tudo o que existe em todas as lojas do mundo, já conhecem tudo, e talvez por isso trazem aquele ar tão triste. Entram e saem deixando transparecer um sentimento de obrigação em suas visitas. Alguns trazem crachá no peito, mas nunca consegui ler o que está escrito.

Ainda ontem veio um casal particularmente interessante: ele muito gordo e de aspecto cansado, ela jovem e falante. Eu estava terminando meu almoço atrás do balcão e me deixei ficar ali, observando os dois através de uma fresta na madeira e escutando o que diziam. Ela apanhava os produtos, manuseava-os e mostrava-os ao gordo, que mantinha as mãos nos bolsos e até dava um passo atrás quando ela se aproximava com o produto. “Não existe nada parecido com isto aqui na cidade”, ela dizia, e empurrava o produto no peito do gordo, que fazia uma cara de nojo e se afastava. “Na sua posição, o senhor precisa conhecer isto”, ela insistia, dando a impressão de estar muito irritada. O gordo, enfasiado, olhava para a porta. Então ela se voltou para a mercadoria que tinha na mão, examinando-a por todos os lados. Até fez menção de dizer alguma coisa ao gordo, mas desistiu ao ver que ele estava quase na porta da loja, com ar de impaciência. Sempre com o produto na mão, ela foi até o gordo, trocaram algumas palavras que não pude ouvir e logo estavam de braços dados e sorrin-



vendo demais com as reformas e vistorias em vez de ficar mais liberado para outros negócios. Eu até concordei, disse hã-hã. Depois fui tomar um cafezinho, li uma revista no banheiro e nem me lembrei mais daquilo, não percebi que o cara já estava me chutando. Acho que não vou trabalhar amanhã, na verdade eu precisava era levar a minha mãe a um hospital.

Quanto custa uma diária de hospital?, eu pergunto.

Depende do hospital e do que se vai fazer lá, ela diz, finalmente terminando de se pentear e vestindo a blusa. Ela vem até a cama e me beija, e no seu gesto noto que sente pena de mim. Não consigo saber se isso me agrada ou não.

Gasto os últimos trocados pagando a conta do motel, se é que dá para chamar de motel um quartinho fedendo a mofo e com a janela prum paredão de edifício. Tomamos um ônibus, saltamos numa parada em frente a um trailer e ela compra dois cheesebúrgueres: um de salada e um de bacon.

É a minha janta e a da minha filha, que adora cheesebúrguer de bacon, ela diz, e, antes que comece a falar da filhinha, do ex-marido que era um sacana, bêbado, vagabundo, mas fodia ela como ninguém jamais fodeu, antes que ela repita toda a ladainha, eu digo que estou com sono e preciso ver minha mãe, e que talvez não vá na imobiliária amanhã.

Eu nunca tenho sono. Para falar a verdade, nunca durmo, é como se o meu dia (ou a minha noite) não tivesse fim. Uma vida contínua, permanentemente acordado, embora as coisas passem por mim como num sonho, como se um filme infinito estivesse sempre acontecendo à minha volta, um filme do qual sou ao mesmo tempo personagem e espectador. Quando ando na rua de noite, como agora, não penso em nada, sou apenas parte da paisagem da rua, como se numa fotografia de uma rua de noite eu fosse alguém fotografado caminhando



que é para eu aprender a não ficar devendo para os outros. Ele me espreme contra uma pilha de engradados, põe a mão no meu pescoço, me forçando a cabeça para trás, eu vejo uma caixa balançando lá no topo da pilha e fico torcendo para que ela não caia em cima de mim.

Dessa vez eu vou te dar só uma, ele diz, me despacha um murro na boca e vai embora. Aproveito que estou perto do banheiro e vou lavar a boca. Sinto o lábio inchado mas não tem espelho para ver como ficou, faço um bochecho e quando cuspo a água avermelhada ouço o barulho do meu dente batendo na pia, um dente que andava frouxo havia muito tempo e que agora se foi de vez. É dos de cima, quase na frente, daqueles que ficam na curva da dentadura, me dá curiosidade de ver como fiquei sem o dente. Mas não tem espelho no banheiro.

Quando volto para o salão do snooker o Binho já está lá, está comendo um bauru e olhando os caras jogarem. O Binho trabalha há vinte e dois anos numa farmácia veterinária perto do hipódromo e manja muito de remédios. Eu chego nele e falo que minha mãe está passando mal.

Que que fizeram com o teu dente?, ele pergunta, meio rindo.

Respondo que quebrei comendo um pé de moleque. Ele continua rindo mas não diz nada. Gosto do Binho por causa disso, se fosse qualquer outro neste bar já ficaria me enchendo o saco dizendo que foi o Darci que me aplicou uma lição.

Me empresta cinquenta pratas, Binho?

Não.

Se a gente sai do emprego com menos de um mês, a gente ganha seguro-desemprego?

Tu quer este resto de bauru?

Não chega a dois meses, eu minto.

Porra, isso não dá nada.

Posso ou não posso pagar o resto amanhã?, minha voz sai meio alta demais, o Darci me olha como se fosse me engolir, mas eu aguento no osso e sigo encarando ele sem dizer nada. Quase pergunto sobre o seguro-desemprego, ele tem jeito de quem deve saber.

Eu quero o dinheiro todo, ele fala espaçadamente e abrindo bem a boca direto na minha cara, o lábio chega a roçar a ponta do meu nariz, tem um bafo danado o Darci. Tu já devia ter me pagado essa merda, ele prossegue, agora tua dívida aumentou, tu já me deve setenta agora, seu corno filho da puta, tua dívida vai aumentando cada vez mais, acho que tu tá preso comigo pra sempre, seu bosta, e ele afasta o rosto do meu e me dá um soco curto no estômago. Nem me dobro que é para não demonstrar que senti o golpe. Mas doem pra burro essas batidas secas na boca do estômago.

Decido ir embora, são quase seis da manhã, escuro ainda, a cerração comendo. É uma boa pernada até em casa, meu lábio ainda está inchado mas agora percebo que desde quando o sangue estancou eu venho tocando a língua na falha do dente que se formou. Uma espécie de tique que peguei rapidamente. É bom descansar a língua nessa cova de pele macia e quente, dá uma sensação gostosa ir massageando a gengiva enquanto caminho sem pensar em nada, cortando a noite e a cerração quase que no instinto. Passo ao lado de uma lixeira grande, dessas de calçada, deve ser de um prédio de muitos apartamentos. Ouço um remexer nos sacos, um escarafunchar à procura de lixo comível, e me preparo. Pelo ruído é um gato, os cachorros são mais espalhafatosos. Movimento os dedos dentro da bota para aquecê-los, pelo jeito será um bico dos bons. Contorno a lixeira e dou de cara com um sujeito barbudo e esfarrapado, de joelhos, tentando puxar um saco bem dos de baixo. Ele me vê, para um instante,

# Insistência

Os caras insistiam naquilo mas eu logo vi que não ia dar certo, tomamos um pau danado e eu bem que disse pros caras que era bobagem ficar insistindo porque todo mundo sabia que eles iam chegar azulando pra cima de nós e não deu outra, eles nem perguntaram o que a gente estava fazendo ali e já foram descendo o cacete e nos empurrando pra fora, teve um dos caras que ainda tentou argumentar, mas essa era outra grande bobagem, o que tinha de fazer era sair correndo sem olhar pra trás, como eu fiz, mas parece que isso não entrava na cabeça dos caras, que achavam que tinham o direito de ficar ali dentro e que então iam ficar, eu nunca discuti isso, o que eu dizia era que não adiantava aquela insistência porque eles não estavam nem aí pra essa coisa de direito e toda vez que nos vissem por ali eles iam nos pôr pra fora na porrada, disso eu não tinha a menor dúvida, no fundo o que eu questionava mesmo era o porquê daquela insistência se não mudava nada a gente estar dentro ou fora, até cheguei a perguntar pra um dos caras “qual é a diferença?” e o cara deu uma enrolada e se saiu com a mesma história de que era uma questão de se poder escolher entre estar aqui ou ali ou no raio que o parta e que não abria mão dessa escolha, então eu disse que tudo bem, porra, mas que devia ter algum lugar onde nos deixassem em paz, e o cara ia me retrucar qualquer coisa quando já veio de novo aquela agitação e todo mundo começou a se movimentar porque íamos entrar outra vez, por um canto que os caras achavam que estava desguarnecido.